

Luís Taborda Barata

Caros Colegas e Amigos,

Depois de vários anos à frente da nossa revista, o Prof. Manuel Branco Ferreira optou por deixar de ser o editor da RPIA, de forma a que se possa dedicar a alguns aspectos prementes da sua vida académica. O seu trabalho e o da equipa que reuniu foi notável, tendo servido para consolidar a revista, bem como para aumentar a sua qualidade científica e diversificar a sua oferta temática. Fui convidado para o substituir e, depois de considerar vários aspectos, acabei por aceitar. Assim, vou ter de “suar às estopinhas” para poder manter o mesmo rigor, qualidade científica e empenho que o Prof. Branco Ferreira imprimiu à sua tarefa de Editor. Em termos globais, espero poder vir a desenvolver um trabalho tão competente e eficiente como o que Editor cessante efectuou, em extremamente profícua colaboração com o restante Corpo Editorial, sem o qual nada teria sido possível. E qual será o rumo que a nossa revista deverá tomar sob a minha edição editorial? Penso que, para além de mantermos e consolidarmos um cada vez mais elevado nível de exigência de qualidade de publicação, um dos aspectos cruciais é ampliarmos o âmbito internacional da revista, de forma a que possamos voltar, desta feita com sucesso, a tentar indexá-la. Talvez necessitemos de nos unir a revistas de sociedades pares de outros países, ou procurar outras soluções. Talvez necessitemos de ter a revista em edição totalmente em inglês ou talvez não. Contudo, o mais importante é que, de norte a sul, do continente às ilhas, quem trabalha cá e quem está a estagiar ou a trabalhar no estrangeiro, sinta que esta é a “nossa revista” e que, em conjunto, através de um envio regular de artigos de qualidade, poderemos almejar levá-la a um reconhecimento internacional mais condigno. Todos somos poucos mas, em conjunto, “seremos muitos”. Conto com todos os colegas para a aventura conjunta.

Em termos científicos, o presente número inicia-se por um valioso artigo de revisão acerca do tratamento indicado para várias doenças alérgicas na gravidez: não só da asma brônquica (o que tem sido mais fruto de vários trabalhos), mas também da rinite, urticária/angioedema, eczema atópico e anafilaxia, bem como sobre o tratamento de infecções que por diversas vezes surgem como complicação de algumas doenças alérgicas durante a gestação.

O primeiro artigo original consiste num útil estudo epidemiológico, baseado em questionário aplicado em indivíduos com idade superior a 15 anos residentes em Portugal continental, e que teve como objectivo avaliar vários parâmetros ligados ao diagnóstico, acompanhamento e terapêutica de doenças alérgicas, bem como avaliar a prevalência de sintomas associados a estas doenças, independentemente da existência de diagnóstico. Entre outras conclusões, os resultados reforçaram a noção do subdiagnóstico deste tipo de doenças.

O segundo artigo original é um muito interessante estudo no qual se pretendeu analisar a estrutura, perfil proteico e potencial alergizante do pólen de *Chenopodium* recolhido em área urbana e rural, a fim de estudar se a proveniência urbana deste tipo de pólen estaria associada a um grau mais intenso da sua alergenicidade. Curiosamente, foram observadas diferenças morfológicas entre o pólen colhido em ambiente urbano e em meio rural. Em *immunoblot* com soros

de doentes polissensibilizados (w×l), a densidade óptica das bandas reactivas foi superior para os extractos proteicos obtidos do pólen urbano em comparação com o rural. Assim, este estudo sugere que o ambiente urbano pode influenciar a alergenicidade deste tipo de pólen.

Também publicamos dois interessantes casos clínicos. O primeiro consiste num caso de urticária solar, que é uma situação rara em mulher de 28 anos, na qual o uso de anti-histamínicos para controlo sintomático não foi eficaz. O segundo caso tem a ver com uma forma de alergia às proteínas do leite de vaca (APLV), não mediada por IgE, com reacção inclusivamente às formulas extensamente hidrolisadas, o que é raro, e com resolução da situação usando fórmulas de aminoácidos. Contudo, a introdução progressiva de leite de soja, com excelente tolerância, a partir dos 8 meses de idade, consistiu numa excelente alternativa até aos 2 anos de idade, altura em que foi possível reintroduzir o leite de vaca de forma progressiva, sem reacções. Este caso sugere que a opção da introdução do leite de soja, com o objectivo de indução de tolerância oral, poderá ser uma alternativa ao uso de fórmulas de aminoácidos, no caso de APLV, quando usada acima dos 6 meses de idade.

No AllerYmage, apresentamos um caso de hipersensibilidade a múltiplos corticosteróides, no qual havia história de reacções cutâneas após administração de corticosteróides sistémicos, testes ID e por *patch* positivos, com reacção local tardia para vários dos corticosteróides testados, sendo assim confirmatórios da suspeita clínica.

Sendo este o primeiro número da nossa revista este ano, aproveito para desejar a todos um ano muito profícuo em termos profissionais e científicos, bem como uma leitura o mais proveitosa possível dos artigos que esta edição inclui.

Saudações cordiais

*Luís Taborda Barata*